SOBRADINHO E A LUTA PELA LIBERTAÇÃO[1]

Celito Kestering
Ducilene Soares Silva Kestering

1 INTRODUÇÃO

A Vila São Joaquim, junto à Barragem de Sobradinho, tem história de escravidão, como a têm outras tantas vilas espalhadas por esse Brasil afora. Além dos 484 anos de cativeiro que todo brasileiro carrega às costas, a Vila São Joaquim tem a lembrança viva de uma sujeição recente, que a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) lhe impôs. Essa empresa de economia mista fez argamassa de areia, água e sangue humano para construir a barragem que produz energia elétrica às capitais, mas deixa sua escravaria na miséria e fome. O povo subjugado da Vila São Joaquim, porém, organiza-se em associações para buscar a terra prometida da liberdade e vida melhor aos seus.

2 ANTECEDENTES

Sobradinho construiu o maio lago artificial do mundo, com 350 Km de extensão, largura média de 15 km e máxima de 40 km, área inundada de 4214 km², 34,1 bilhões de m³ de água, volume equivalente a 20 vezes ao da Bahia da Guanabara. Em sua construção trabalharam profissionais qualificados e semiqualificados que moravam dentro do acampamento. Os técnicos qualificados residiam na Vila Santana e gozavam do conforto de residências bem construídas, água encanada, luz elétrica gratuita, clube com piscina, arborização farta que minimizava o calor dos dias quentes de verão, ruas bem traçadas e revestidas de asfalto. Para os operários semiqualificados, construiu-se a Vila São Francisco, com menor conforto que a primeira, mas com água encanada, energia elétrica gratuita e ruas asfaltadas.

Junto às duas vilas, cercadas de arame farpado, com guaritas onde guardas mantinham-se a postos, baixando correntes para os carros entrarem e saírem do acampamento, peões vindos de todos os estados do Nordeste, construíram seus barracos. Nascia, assim, a Vila São Joaquim, filha abortiva da CHESF. Nela, as ruas não eram asfaltadas. As casas não possuíam energia elétrica gratuita e nem água encanada. Não foi construído hospital. Não havia piscinas nem clubes. O descaso foi total. Os peões chamavam sua Vila, simplesmente de Cai Duro, pela fome e violência da favela.

As três vilas irmãs participaram da construção da Barragem de Sobradinho. A irmã rica entrou com o trabalho intelectual que, por considerar-se mais nobre, foi mais bem paga. A irmã da classe média participou com a mão de obra semi-qualificada e foi, por isso, semi-remunerada. Da irmã abortiva exigiu-se o trabalho pesado, a escravidão e exploração. Para ela não houve herança.

Acabadas as obras de construção da Barragem, grande parte dos técnicos qualificados e semiqualificados foi para outras regiões do país. A empresa de pública de direito privado interessava-se penas pelos trabalhos de operação e manutenção das usinas, do barramento e da eclusa. Esse pessoal morava nas vilas Santana e São Francisco. A Vila São Joaquim deveria desaparecer de Sobradinho. Ela não estava nos planos daquela que a gerou. Ouvimo-la infinitas vezes a sussurrar: maldita empresa neoliberal, republicana, iluminista, positivista e colonialista, por que me abandonou?

Passaram-se três anos, desde que se concluíram as obras e a Vila São Joaquim ainda resiste teimosa como todo nordestino quando luta pela vida. Neste período de abandono daquela que sugou de suas

[1] KESTERING, Celito; KESTERING, Ducilene Soares Silva. **Sobradinho e a Luta pela Libertação**. Caminhar Juntos: Boletim Informativo da Diocese de Juazeiro, nº 91 (ISSN 0101 8450), p. 1-10, 1984.

veias o sangue vigoroso dos trabalhadores, a Vila São Joaquim buscou e continua buscando alternativas que garantam sua sobrevivência e libertação.

3 REFORMA AGRÁRIA EM ESTILO NATIVO

A Vila São Joaquim começou, então, a organizar-se em associações. Começou, assim, um novo capítulo de sua história. Ontem a escravidão; hoje, o deserto; amanhã, a terra prometida.

3.1 Associação Agrícola São Joaquim

No dia 26 de julho de 1981, as autoridades ouviram o angustiante grito da Associação Agrícola São Joaquim, em abaixo assinado de 3.180 assinaturas. Nele relatava-se o sofrimento que a comunidade estava a sentir, pela , carestia, fome, falta de emprego e condições para trabalhar na terra. Nele a comunidade exigia: a construção de um canal nas terras próximas ao Riacho Tatauí, com distribuição de terra irrigável, aos trabalhadores desempregados; condições econômicas e eletrificação rural para cultivarem as terras.

Caso fossem atendidas essas exigências, a comunidade acabaria coma situação desesperadora em que se encontrava, pois findariam a miséria, o desemprego e a fome. Para que o abaixo-assinado não fosse mais um documento engavetado pelas autoridades, sem providências reais aos problemas apresentados, a comunidade de São Joaquim organizou-se em uma associação agrícola. Com o auxílio da Comissão Pastoral da Terra da Diocese de Juazeiro, elaboraram-se os estatutos; fez-se a publicação de seu extrato no Diário Oficial do Estado da Bahia e procedeu-se seu registro em Cartório. Estava, assim, oficialmente fundada a Associação Agrícola São Joaquim, com sua diretoria, conselho fiscal e sócios fundadores, em número de 650. Sua assembleia geral faz-se no último dia de cada mês.

3.1.1 Relatório de 1983 e Plano para 1984

Em 1981 teve fim a obra da Hidrelétrica de Sobradinho. Os técnicos da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) partiram para a construção da nova barragem de Itaparica no Rio São Francisco, na altura de Petrolândia, entre o Pernambuco e a Bahia, deixando em Sobradinho 10 mil pessoas desempregadas, passando fome e miséria. É assim o progresso do modelo capitalista. Constrói obras faraônicas e cria grandes ajuntamentos de pessoas. Terminada a obra, partem os técnicos e fica o povo na pior.

> Nessa situação aflitiva, a CPT da Diocese de Juazeiro multiplicou seus esforços para ajudar o povo de Sobradinho a se organizar. Fizeram-se muitas reuniões. Fizeram-se muitos abaixo-assinados. Representantes dos desempregados deslocaram-se, várias vezes, até Salvador para falar com o Governador e demais autoridades. Em 04/04/1982, fundou-se a Associação Agrícola São Joaquim, que foi depois registrada. A Diocese deu todo apoio pessoal e financeiro. Agora ela anda com suas próprias pernas e apresenta o relatório de que fez em 1983.
>
> **1 - Irrigação**: Foram realizados o trabalho de desmatamento e destoca manual de 300 hectares e os estudos pedológicos e testes de infiltração para se elaborar o projeto de irrigação, que recebemos neste mês e já foi encaminhado ao Governador do Estado. Estamos buscando alternativas para se iniciarem as obras quanto mais breve possível. Esse projeto assumirá 650 famílias.
>
> **2 - Horta Comunitária**: Foram desmatados e destocados 23 hectares; foram realizados os trabalhos de divisão de lotes, cabendo duas tarefas por família; foram realizados os trabalhos de aração e gradagem; foi construído um depósito para armazenar produtos e ferramentas e uma caixa d'água com capacidade

de 50 mil litros; foi espalhada a tubulação, mas não pode ser feita a ligação por falta de anel de vedação que não se acha no comércio; foi conseguido e comprado em Salvador, estando para ser entregue em janeiro próximo; foram instalados 1.330 metros de instalação elétrica, trazendo a rede rural para nosso projeto; foi adquirida uma eletrobomba de 25 Cv que na próxima semana será instalada.

3 - Caprinocultura: Foram cercados 857 hectares para a implantação do Projeto de Caprinos; foi construído um aprisco com a capacidade de 200 matrizes e oito reprodutores; foi construída uma casa para o vaqueiro, um depósito para armazenar remédios e ração para os caprinos; foi construída uma caixa d'água com capacidade de 32 mil litros; foram implantados 8.502 metros de cano, saindo do centro de manejo com direção ao viveiro da CHESF; foram compradas 146 cabeças de criação, sendo 100 matrizes mestiças e seis reprodutores puro sangue; foram comprados três animais, sendo um cavalo, uma burra e uma poldra com os respectivos arreios; foi destocada uma área de 150 hectares para ser plantada forrageira, algaroba, capim buffel e palmas.

4 - Patrimônio: Foram compradas 50 cadeiras de plástico para uso dos associados em reuniões e assembleias; foram comprados uma moto, quatro birôs de madeira, um armário de aço, cinco cadeiras de madeira e uma mesa para datilografia; foram comprados dois birôs, uma mesa para datilografia, uma máquina de escrever e um armário de madeira, com portas de correr, de segunda mão; foi comprado um trator com todos implementos para trabalho na agricultura; foi comprada uma calculadora elétrica; foi comprada a sede social, uma eletrobomba de 25 Cv, para ser instalada na horta comunitária e uma eletrobomba de dois Cv, para levar água ao centro de manejo.

5 - Sequeiro: Foram divididos os lotes de cinco hectares para cada associado. Foi feito o cadastramento bancário e 300 sócios foram beneficiados com o custeio agrícola; este financiamento foi mais uma reivindicação da associação junto ao Governo do Estado. Foram plantadas as culturas mais conhecidas pelos associados e resistentes à seca, tais como: mamona, algodão, jergelim e feijão. Foi construído um galpão com a finalidade de armazenar as culturas na época de comercialização; foi assinado um contrato com a COCANE para o algodão. Esta compra a safra pelo preço do dia, mais 15%; foram construídos dois tanques na área do projeto pela CODEVASF, que ficarão para beneficiar os produtores.

6 - Administração financeira: Foi realizado um treinamento, promovido pela SEPLANTEC, tendo como instrutora a filha de um associado, Eliomar, que há muito tempo trabalha com a gente.

7 - Social e Comunicação: Foi elaborado o jornal A Voz da Esperança, órgão oficial de divulgação da Associação. Este grupo tem por finalidade assessorar outros empreendimentos desta entidade, como ocorreu no curso do Professor Hiroshi, sobre Agricultura Alternativa que foi de muito proveito para os participantes. Foi realizado um encontro sobre associativismo ministrado pelo Dr. Nilson Sotero que abordou assunto de interesse geral e se prontificou a acompanhar os passos da associação no que lhe for solicitado. Está sendo terminada a contagem realizada na Vila com o objetivo de apurar a situação sócio-político-econômica da Vila São Joaquim.

8 - Saúde: Foi intensificado o trabalho da medicina caseira, aproveitando o máximo do conhecimento do pessoal. Foi discutida e está sendo amadurecida a implantação de uma farmácia medicinal que contenha as ervas mais usadas pela comunidade e estão localizando uma área disponível para o cultivo da mesma. Dr. Paulo Pena participou de vários encontros com o pessoal, intensificando a necessidade da medicina preventiva, já que nossa população é mal atendida na medicina curativa.

Para 1984 pretende-se: implantar a adutora da horta comunitária; iniciar o plantio e intensificar o trabalho comunitário, visando a comercialização; centrar a luta na implantação do projeto de irrigação (esta luta será bastante árdua pois o projeto todo custará Cr$ 485.000.000,00 e este recurso já está sendo negociado com o Governo do Estado, Finsocial e outros órgãos interessados no apoio social às comunidades); intensificar a luta para buscar alternativas de plantio nas áreas de sequeiro, tendo como objetivo único dos associados uma molhação que amenizará a situação atual; lutar pela construção de tanques em vários locais do projeto, para ser abastecido pelo pipa e usado racionalmente pelos produtores; construir mata-burros nos canais do projeto; fazer o manejo racional dos caprinos, melhorando o rebanho sem perder a rusticidade. (SOUZA, 1984, p. 16-17).

3.2 Associação do Alagadiço

No dia 29 de junho de 1983, um grupo de 20 chefes de família reuniu-se pela primeira vez, para discutir os problemas do desemprego e da fome que estava enfrentando na Vila São Joaquim. Em sua

maior parte, esses chefes de família haviam sido sócios da Associação Agrícola São Joaquim, mas haviam se desligado dela porque não concordavam com a maneira autoritária de alguns líderes conduzirem seus trabalhos e porque o projeto caminhava em ritmo muito lento. Quem sentia fome, não podia esperar muito para que os projetos fossem concretizados. A máquina do Estado era fria, morosa e insensível aos problemas do povo faminto. Os técnicos, metidos naquela engrenagem fria, atendiam muito mais aos interesses imediatos do Estado do que do povo que pagava imposto. A Associação Agrícola São Joaquim caminhava, obedecendo ao compasso do Estado. O grupo dissidente havia-se cansado de esperar e decidiu buscar outra solução para seu problema. Na reunião de 29/06/1983, decidiu ocupar terras inaproveitadas, ao norte da Vila São Joaquim. Ninguém as havia ocupado até então porque se dizia pertencerem à CHESF que tinha em mãos, um decreto de desapropriação[2]. O grupo não quis saber se as terras pertenciam à CHESF ou a outra identidade. Estava com fome e a vida era-lhe mais importante.

Decidiu ocupá-la. Abriu variantes; cavou buracos para a cerca; foi ao mato, com machados e foices, para tirar estacas destinadas à cerca. Levou rapadura, farinha e feijão e passou os dois dias no mato. À noite, fez uma fogueira e dormiu ao redor dela, depois de se contarem anedotas e histórias do Nordeste. Em dois dias, tirou 1500 estacas. Em poucos dias, os 20 homens tinham aproximadamente 100 hectares de terra cercada.

Aí começam a surgir problemas: A CHESF não permitia que o grupo ocupasse aquela área[3]; começou-a dar documentos daquelas terras a outras pessoas que iniciaram a pressionar o grupo para dar vez a eles, seus apadrinhados; sabendo que o grupo mantinha-se unido e firme na resolução de ocupá-la, fez-se pressão sobre a Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia (SEPLANTEC) para que não auxiliasse o grupo de insubordinados; essa empresa governamental do Estado negou-se a atender o pedido da CHESF e ajudou o grupo com arame para a cerca. Não contente com isso, a empresa gestora da Barragem de Sobradinho pressionou a SEPLANTEC de Salvador, para que impedisse sua gerência de Sobradinho de ajudar o grupo perigoso que estava a invadir terras; nada conseguindo com a SEPLANTEC, a CHESF ameaçou apelar à Polícia Federal a fim de amedrontar o grupo e fazê-lo desistir de "invadir suas terras"; o grupo continuou unido e firme em sua decisão; vendo que não conseguia desestabilizar o grupo, inventou-se que as terras ocupadas eram da Prefeitura Municipal de Juazeiro e estavam dentro do perímetro urbano[4]; a Prefeitura Municipal de Juazeiro e o INTERBA exigiram que a SEPLANTEC fizesse o mapa da área pois não confiava no mapa feito anteriormente pelo INTERBA[5]; terminado o levantamento feito pela SEPLANTEC, a Prefeitura de Juazeiro queria que se fizesse outro levantamento[6].

Depois de todos esses problemas, a área foi liberada e cada sócio pode fazer, no INTERBA, o requerimento de 4,75 hectares de terra. Durante todos esse tempo, os sócios estavam a desmatar e arar a terra que haviam ocupado. Por causa dos problemas causados pela CHESF, o grupo não obteve mais ajuda da SEPLANTEC que havia prometido implantar a infraestrutura de irrigação. O grupo precisava irrigar as terras, mas não tinha eletrobomba. A saída foi fazer greve de fome na frente da Prefeitura Municipal de Juazeiro, para conseguir uma eletrobomba para irrigação. O prefeito, depois de longo sermão ao grupo, emprestou uma eletrobomba no valor de Cr$ 600.000,00.

A luta continua pois ainda falta muita coisa para ser feita na área ocupada. Hoje, o grupo de 20 chefes de família está organizado em uma agremiação que se chama Associação do Alagadiço. Possui

---

[2] O decreto já havia já caducado.

[3] Dizia-se que ela poderia ceder apenas metade da área ocupada

[4] A Prefeitura de Juazeiro possuía um documento fornecido pelo Instituto de Terras da Bahia (INTERBA), provando que a CHESF havia lhe doado 449 hectares de terra. Possuía um mapa da área feito pelo INTERBA. O pessoal da CHESF, acostumado a ler plantas, alegava que o grupo havia ocupado essa área e marcou no mapa o lugar. Era bem no centro da Vila São Joaquim.

[5] Isso tudo levou tempo.

[6] O grupo não aceitou mais essa. Os 20 sócios reuniram-se e pressionaram a Prefeitura afim de que acabasse com a palhaçada.

estatutos e está registrada em Cartório. Reúne-se em assembleia geral para avaliar os trabalhos e planejar as atividades, no dia 1º de cada mês, às 19 horas, em sua sede provisória, na Vila São Joaquim.

3.2.1 Relatório de 1983 e Plano para 1984

Em 1983 fizeram-se 1.500 metros de cerca de arame farpado; desmatamento de 45 hectares; arrancação de tocos de 30 hectares; aração e gradagem de 20 hectares; plantio de 10 hectares de arroz, feijão e melancia (perdidos por causa da cheia do Rio São Francisco); divisão dos lotes de terra com os associados e requerimento dos lotes individuais junto ao INTERBA. Em 1984 pretende-se: terminar as cercas; fazer cancelas e mata-burros; desmatar e arrancar os tocos de toda área; arar e gradear a terra e implantar o projeto de irrigação comunitária.

3.3 Associação da Lagoa Seca

A exemplo da Associação do Alagadiço que cercou uma área de terra próximo à Vila São Joaquim, um grupo formado por 18 sócios, em maioria mulheres, começou a cercar também uma gleba de terra de aproximadamente 25 hectares para fazerem sua roça irrigada e manterem, com o produto dela, suas famílias. Abriram variantes, esticaram arames e fizeram a cerca para garantir seu projeto de roça comunitária.

Um vereador do PDS de Juazeiro e presidente do Conselho de Moradores da Vila São Joaquim convocou, então, uma reunião com o prefeito municipal de Juazeiro e funcionários da CHESF[7] para denunciar, veementemente, que se estava a promover grilagem na área urbana da Vila São Joaquim e que o Prefeito Municipal deveria tomar medidas urgentes, a fim de impedir que se a efetivasse. Pressionada pela CHESF e Prefeitura Municipal, a SEPLANTEC que estava inicialmente a ajudar o grupo), não pôde mais prestar auxílios enquanto não fosse delimitada a área do perímetro urbano de Sobradinho. Uma vez delimitada a referida área, o grupo da Lagoa seca recuou a cerca, respeitando a área pública municipal.

Hoje, depois de cinco meses de luta, o grupo da Lagoa Seca organizou-se em associação que possui estatutos aprovados em assembleia geral. Com apoio da SEPLANTEC publicou o extrato deles no Diário Oficial do Estado da Bahia. De posse do extrato dos estatutos publicados no Diário Oficial, protocolou processo de registro no Cartório do Fórum de Juazeiro - BA. Reúne-se todos os sábados, às 15 horas, em sua sede provisória, na Vila São Joaquim e faz assembleia geral de três em três meses.

> O Prefeito Jorge Khoury esteve ontem em reunião, em Sobradinho, atendendo a convite dos moradores da Vila São Joaquim. Além do prefeito e sua equipe, compareceram: o Diretor de Obras da CHESF, o diretor da SEPLANTEC, o Diretor do SAAE de Juazeiro, o Diretor da COELBA, educadores de Sobradinho vinculados à CHESF e moradores interessados em encontrar caminhos e soluções para seus problemas maiores.
>
> Pela exposição dos representantes dos moradores da Vila São Joaquim, cinco itens resumem suas principais reivindicações: programa de extensão e normalização da rede de energia[8]; atendimento escolar mais eficiente, pois pelo menos 275 adolescentes estudam o 2º Grau em Juazeiro; abastecimento de água que ali é muito precário[9]; denúncia contra grilagem séria e sistemática que ali está sendo feita em muitas áreas de Sobradinho, inclusive com boa cerca de arame farpado montada e limpeza pública mais eficiente.

[7] Não convidou a população da Vila São Joaquim.

[8] Incrível! Trechos sem energia elétrica na beira da fonte geradora de energia para tantos lugares do Nordeste!

[9] Outro fato interessante: precariedade no abastecimento de água junto ao maior lago artificial do mundo.

> Falando ao final, o Prefeito Jorge Khoury explicou que o serviço de limpeza pública não pode ser mais eficiente, pelo menos enquanto dure a crise do desemprego pois, a pedido dos próprios moradores, o serviço está sendo feito manualmente, para dar chance de emprego a muitos garis.
> Quanto à grilagem, Jorge Khoury afirmou já ter tido recentemente conhecimento da mesma e garantiu que iria tomar enérgicas medidas, pois as terras são da prefeitura e ele não admite as invasões das áreas. (REPÓRTER PETROVEL, 30/09/1983).

Diante da ameaça do prefeito, a Paróquia de Sobradinho fez os seguintes questionamentos que foram distribuídos para reflexão nos grupos: Quem fez as reivindicações ao Prefeito Jorge Khoury? Quem eram os representantes da Vila São Joaquim? Os representantes representavam as aspirações dos moradores da Vila São Joaquim? Por que não foram convidados todos os grupo da Vila São Joaquim? Quais as terras da prefeitura que estão sendo griladas em Sobradinho e quem as está grilando? Sobradinho é cidade para ter perímetro urbano? Se é cidade, quem é o prefeito e onde se localiza a Câmara de Vereadores? O problema maior de Sobradinho é a delimitação do perímetro urbano ou a fome do povo? Que vamos fazer diante dos fatos? Responder ou ficar calados? Morrer de fome para que viva o perímetro urbano?

3.3.1 Relatório de 1983 e Plano para 1984

Em 1983 fez-se: desmatação de aproximadamente 15 hectares de terra; escavação de 1200 buracos para estacas; foi-se ao mato tirar 1200 estacas e distribuíram-se os lotes de terra com os sócios. Em 1984 pretende-se: terminar as cercas; conseguir eletrobomba e encanação para irrigação das terras; arar e gradear a terra e plantar.

3.4 Associação de Brejo de Dentro

Francisco das Chagas Néri havia recebido da CHESF, uma área de terra, na borda do Lago de Sobradinho, próximo à comunidade de Brejo de Fora. Depois de muita pressão feita pelas famílias de Brejo de Dentro e Brejo de Fora, a CHESF afastou Francisco Néri da Área, porém nunca a transferiu a ao povo, apesar das cobranças que seus representantes sempre fizeram a Dr. João Paulo Maranhão de Aguiar (diretor de Obras de Sobradinho). Com a chegada da SEPLANTEC a Sobradinho, a Comunidade de Brejo de Dentro reivindicou-o. Em articulação feita por Norton Víctor Sampaio (Coordenador da SEPLANTEC em Sobradinho), a CHESF passou-a à SEPLANTEC a fim de que ela a distribuísse com a comunidade. Quinze famílias de Brejo de Dentro pleitearam-na para implantarem um projeto comunitário de irrigação. As famílias receberam as terra e uma declaração da CHESF, autorizando sua ocupação. Cada chefe de família recebeu 4,3 hectares de terra irrigável. Em seguida, as 15 famílias providenciaram o INCRA e o requerimento do título de propriedade junto ao Instituto de Terras da Bahia (INTERBA).

A exemplo do que fizeram as 15 famílias, outras mais pressionaram a CHESF, a fim de que dividisse as terras doadas a Zé Magro com as famílias do Brejo de Dentro. Conseguiram-nas. Outras famílias ainda, em número de 25, decidiram ocupar uma área de terra devoluta, próximo ao lago de Sobradinho. Abriram variantes para iniciarem sua roça comunitária. Assim, em Brejo de Dentro, existe hoje uma associação registrada em Cartório, que faz sua suas assembleias gerais onde e quando se discutem seus problemas e buscam-se soluções aos mesmos. Ela reúne-se nas segundas e sextas feiras, na igreja ou no prédio da escola.

3.4.1 Relatório

Em 1983 fez-se: ocupação de 65 hectares e cercado em torno das terras que se dizia pertencerem a Chico Néri; divisão da gleba ocupada em lotes de 4,3 hectares para cada um dos 15 chefes de família; compra de um conjunto de motobomba com 1.000 metros de cano de seis polegadas; desmatação, aração e gradagem de aproximadamente 30 hectares de terra; instalação do sistema de irrigação; plantio de feijão e milho; conquista da terra que se dizia pertencer a Zé Magro e variantes nas terras devolutas.

3.5 Associação da Mina do Incaibro

A Mina do Incaibro foi descoberta no ano de 1941, quando Manoel Martins dos Santos (Seu Né) encontrou as primeiras unidades de ametista na Serra do Incaibro. No tempo áureo do garimpo havia muitas casas junto à jazida. Houve tempo em que até padaria havia lá. Depois a ametista começou a escassear. Hoje, no povoado moram apenas 25 famílias pobres de velhos garimpeiros que enriqueceram muitos donos de cortes e pedristas que compravam toda produção a preço de banana para venderem por valor elevadíssimo nas capitais. As 25 famílias da Mina do Incaibro vivem hoje de cavar mina, criar bode e plantar roça no período chuvoso.

Nesses seis anos de seca que estão a enfrentar, o problema maior é a falta de água. As famílias da Mina do Incaibro buscam a água para beber, no Lago de Sobradinho, que fica a 4 km do povoado. Quem não possui jegue para transportá-la ao povoado, compra-a a Cr$ 300,00 por lata de 18 litros. Por isso, um grupo de 17 famílias está reúne-se regularmente para conseguir água ao povoado. Houve várias reuniões para a SEPLANTEC mandar um topógrafo ver a diferença do nível do Lago de Sobradinho para o povoado. Já se passou um ano e o topógrafo ainda não veio. Enquanto ele não for feito, não há como calcular o projeto. Pretende formar uma associação, com estatutos e registro no Cartório para que suas exigências junto à SEPLANTEC sejam atendidas.

3.5.1 Relatório de 1983 e Plano para 1984

Em 1983, reuniu-se no dia 08 de cada mês para resolver o problema da falta de água; construiu um tanque; conseguiu abastecimento com um carro pipa. Em 1984 pretende: perfurar um poço tubular ou instalar uma motobomba para que o povoado tenha água permanente às famílias e ao criatório.

3.6 Associação da Chapadinha

No dia 19 de setembro de 1983, um grupo de 20 chefes de famílias desempregadas reuniu-se pela primeira vez a fim de encontrar alternativa de sobrevivência, pois encontrava-se sem emprego desde que haviam terminado as obras de construção da barragem de Sobradinho. Algumas pessoas do grupo haviam pesquisado e encontrado uma área de terra desocupada junto à Serra da Batateira, próximo ao Lago de Sobradinho. Diziam que daria para 20 famílias extraírem dela sua sobrevivência. Ninguém sabia se ela tinha dono. Concluiu-se que, ao invés de procurar-se o suposto proprietário, melhor seria ocupá-la. Se tivesse possuinte, esse apareceria quando soubesse que sua terra estava sendo ocupada.

No outro dia, cedo, foram ao local. Abriram variantes e escavaram buracos para colocar estacas. Quando a área toda estava cercada de variantes, surgiu um morador do lugar, dizendo que aquela área de terra pertencia a um farmacêutico de Petrolina - PE. O grupo foi, então procurar o INTERBA saber se o tal farmacêutico tinha documento dela. O pessoal do INTERBA respondeu que achava que aquela área tinha documento e que seu dono, ex-operário da CHESF, morava em Itaparica. O grupo exigiu, então uma definição urgente sobre a área ocupada. Depois de várias promessas, o Diretor Regional do INTERBA foi ver a área, e dar a resposta de que o grupo pedia ocupá-la porque ninguém possuía dela documento algum. Recomendou que cada chefe de família fizesse requerimento de seu lote de terra. Imediatamente se o fez.

Vencida essa primeira batalha, o grupo fez a política da boa vizinhança. Promoveu uma reunião com os proprietários de terras vizinhas, para que entrassem também na luta para conseguirem um projeto comunitário de irrigação que beneficiasse a todos os proprietários de terra daquele local. Para que sua luta fosse adiante, achou conveniente organizar-se em uma associação. Deu-se a ela o nome de Associação da Chapadinha, pois as terras ocupadas eram de chapada. Fizeram e aprovaram seus estatutos e os registraram em cartório. Hoje ela tem sua diretoria e seus associados reúnem-se uma vez por mês, no dia 12, às 19 horas.

3.6.1 Relatório de 1983 e Plano para 1984

Em 1983, abriu variantes, cortou estacas, cercou aproximadamente 50 hectares de terra com nove fios de arame farpado; dividiu lotes com os associados; desmatou aproximadamente 10 hectares; fez plantio de sequeiro (morreu tudo por causa da seca); formou, organizou e registrou a associação. Em 1984 pretende implantar o projeto de irrigação comunitária.

3.7 Associação Agrícola São Sebastião

Muitos moradores da Vila São Joaquim haviam ocupado terras das margens do Riacho Tatauí. São terras boas onde as famílias plantam de sequeiro. Um sonho para os proprietários delas é plantar com irrigação. Em novembro de 1982, no povoado de Lagoa Grande, um grupo de 30 famílias iniciou a luta para irrigá-las. Dirigiu-se à CHESF para solicitar ajuda a seu projeto. De Dr. João Paulo Maranhão de Aguiar o grupo conseguiu 2.000 metros de cano Brasilit de 4 polegadas e levantamento topográfico planialtimétrico da calha do Riacho.

O primeiro plano do grupo era levar levar água encanada até o povoado de Lagoa Grande. Depois do levantamento topográfico feito pela CHESF, viu-se que seria mais econômico e mais fácil construir uma barragem na foz do riacho para conduzir água do Rio São Francisco à sua montante, com uma estação de bombeamento. A barragem formaria um lago dentro da calha do riacho até o povoado de Lagoa Grande.

A CHESF alegou, então, que não poderia construir a dita barragem. A prefeitura de juazeiro disse não ter recursos para construí-la, mas, se o grupo lhe fornecesse o projeto e o orçamento dela, ficaria fácil conseguir recursos para sua construção. Representantes do grupo foram então à SEPLANTEC para solicitar que seus técnicos o elaborassem. Essa entidade governamental comprometeu-se por fazê-lo com seu respectivo orçamento. O grupo espera ainda por ele.

Enquanto lutava por seu projeto, o grupo organizava-se em agremiação que recebeu o nome de Associação Agrícola São Sebastião, porque o padroeiro da comunidade é São Sebastião. Já possui estatutos. Não foi ainda registrada porque a SEPLANTEC comprometeu-se em publicar o extrato de seus estatutos no Diário Oficial do Estado da Bahia e ainda não o fez.

Enquanto não chega a água para irrigar suas terras, a Associação Agrícola São Sebastião reúne-se em Assembleia Geral todos os meses, no dia sete, às 19 horas, na igrejinha da comunidade de Lagoa Grande.

3.7.1 Relatório de 1983 e Plano para 1984

Em 1983, conseguiu 2.000 m de cano de Brasilit de 4 polegadas; levantamento topográfico do Riacho Tatauí e organizou-se em associação. Em 1984 pretende construir uma barragem na foz do referido riacho.

3.8 Associação das Lavadeiras

As lavadeiras de Sobradinho também estão se organizando para lutar por uma vida melhor. A maioria delas mora na Vila São Joaquim e lava roupa para suas patroas na Vila Santana, a seis quilômetros de distância de suas casas. Lavam trouxas de roupa de 100, 200 e até 300 peças. Até dezembro de 1983, antes de se reunirem e organizarem-se, elas recebiam Cr$ 500,00, Cr$ 700,00 ou Cr$ 1.000,00 por trouxa lavada. Depois que se organizaram, gritaram por sua independência e pediram apoio de todas lavadeiras de Sobradinho e Juazeiro. Pediram apoio também de todas pessoas que acham sua luta justa.

A associação das Lavadeiras de Sobradinho decidiu que se reuniria em Assembleia Geral, todos os meses, no dia 15, às 20 horas, no Centro Social São Joaquim, para avaliar a luta do mês e planejar as atividades do mês seguinte. Na Assembleia geral do mês de janeiro fez avaliação de sua luta por um salário justo. Várias lavadeiras disseram que haviam conseguido salário de CR$ 2.500,00 por trouxa de roupa lavada e passada. Conseguiram, assim o salário mínimo regional de Cr$ 50.000,00. A lavadeira que lavar roupa para para cinco patroas por semana, receberá Cr$ 12.500,00 por semana. Multiplicando-se CR$ 12.500,00 por quatro semanas, tem-se exatamente o salário mínimo por mês. Estão de parabéns as lavadeiras de Sobradinho que conseguiram essa vitória em sua luta pela libertação.

3.9 Sociedade Amigos de Sobradinho

Fundada em 1979, a Sociedade Amigos de Sobradinho fez seus estatutos cujos extratos foram publicados no Diário Oficial da Bahia. Depois de três ou quatro assembleias gerais, a Sociedade paralisou suas atividades até agora. Ninguém mais ouviu falar dela, nem tampouco de suas atividades. Vasculhando a papelada velha da paróquia, os jovens descobriram a existência dela e decidiram organizá-la, reformulando alguns artigos de seus estatutos. Em reunião que se fez no Centro Social, no dia 14 de janeiro de 1984, os jovens resolveram lutar por sua libertação econômica. Para que sua luta tenha estrutura organizacional, decidiram usar a “calça pronta” fazendo alguns remendos para ajustar-se a suas conveniências.

Ressuscita assim a Sociedade Amigos de Sobradinho, para que os jovens não fiquem se reunindo apenas para enfeitar as liturgias da comunidade, mas para lutarem por sua independência econômica. O jovem de hoje é o chefe de família do amanhã. Como chefe de família, ele não vai fazer somente reflexões com seus filhos. Ele vai ter que trazer o pão para que eles possam viver. A hora de preparar os futuros chefes de família é agora.

3.10 Associação dos Estudantes

Sobradinho tem mais de 15.000 habitantes e não tem sequer uma escola de II Grau. As famílias aqui residentes, oriundas de quase todos os estados do Brasil, formam uma enciclopédia cultural das mais ricas da região. É pena não haver uma escola de II Grau que capitalize essa cultura, rica e inaproveitada. Mais de 275 jovens de Sobradinho estudam o II Grau em Juazeiro, pagando passagem de ônibus, para irem e voltarem, todos os dias. Nesse vai e vem, eles são forçados a pagar o que seus pais não possuem, pois, em sua maioria, trabalham nas frentes de serviço, recebendo o mísero salário de Cr$ 15.300,00 por mês e, muitas vezes atrasado.

A Associação dos Estudantes batalha para que se crie uma escola de II Grau em Sobradinho. No dia 14 de cada mês, reúne-se em comissão, a fim de planejar estratégias para que ela se implante o mais rapidamente possível. Nesse sentido, entregaram-se vários abaixo assinados ao governador João Durval, quando visitou Sobradinho, no dia 15 de fevereiro passado.

3.11 Conselho de Moradores da Vila São Joaquim

Criado em 11 de janeiro de 1977, o Conselho de Moradores da Vila São Joaquim tem atrapalhado o trabalho de libertação da Vila São Joaquim. Quando ela faz assembleia geral, os moradores da Vila São Joaquim são os últimos a saberem. Para participarem delas convidam-se os exploradores do povo. Seu presidente é vereador do PDS.

Está havendo, em Sobradinho um trabalho no sentido de tomar seu comando para outorgá-lo a seus associados. O Conselho de Moradores da Vila São Joaquim possui estatutos e é registrado em Cartório como Pessoa Jurídica.

3.12 Associação dos Moradores da Vila São Francisco

A exemplo do que ocorre na Vila São Joaquim, os moradores da Vila São Francisco também começam a despertar para lutar por uma vida melhor. Um grupo de moradores reúne-se e organiza-se em associação.

3.13 Colônia Z-26

Quando a CHESF construiu a Barragem de Sobradinho “esqueceu-se” de que os peixes do Rio São Francisco, são, em sua maioria, de piracema, isto é, a CHESF “esqueceu-se” de que os peixes, na época da desova, precisam subir o rio para desovar. A Barragem de Sobradinho formou uma barreira intransponível para os peixes. A CHESF “esqueceu-se” também de construir a escada para piracema, para que os peixes possam transpor a Barragem. Isso faz com que, à jusante da Barragem de Sobradinho, eles fiquem em cardume, tornando-se presa fácil aos pescadores. Na Vila São Joaquim existem muitos pescadores que são sócios da Colônia Z-26.

Os pescadores reúnem-se para reivindicar direitos junto à SEPLANTEC que vende a ideia de que está desenvolvendo a pesca e beneficiando os pescadores. Até agora, os pescadores só encontraram “deveres” para eles e ameaça de multas para quem transgredir as leis. A SEPLANTEC compra os peixes para vendê-los em outras cidades. Aqui, em Sobradinho, ficam apenas as cabeças do pescado para o povo comer. É dura a realidade, mas é a verdade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhadores de Sobradinho conscientizaram-se de que terminou o tempo em que existia emprego para eles. Perceberam que não podem esperar que os grandes resolvam seus problemas. Descobriram que eles próprios devem buscar soluções para garantir sua sobrevivência. Na luta pelo sobreviver, descobriram que são mais fortes quando organizados em associações. Percebem cada dia mais que os grandes não são seus amigos, mas lutam contra eles; descobriram que seus projetos comunitários não têm apoio dos grandes. Os órgãos do governo (INTERBA, CHESF, PREFEITURA, SEPLANTEC) usam de todos os meios para que os projetos morram antes de nascerem, para continuarem a defender sua tese histórica de que os pobres são preguiçosos.

Nessa luta desigual, os pobres ainda estão a apanhar em Sobradinho. Aqui, neste campo de batalha, não corre sangue porque eles nãos mais o tem em suas veias. Em nosso exército morrem crianças e adultos, diariamente. Existem dias em que se sepultam seis crianças que morrem de subnutrição (fome) na Vila São Joaquim. É uma guerra dura!

Como Cristo, ao morrer na cruz, apunhalado por um soldado, fez jorrar de seu peito somente umas gotas de água, os habitantes de Sobradinho agonizam sem derramarem sangue porque não mais o têm em suas veias. Mas acreditam na ressurreição de Cristo. Como Ele venceu a morte, a sociedade de Sobradinho verá também sua ressurreição. Deus é maior que a exploração da máquina opressora do Estado. Deus está de nosso lado. Ele disse: “Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, Eu estarei no meio deles. (MT. 18,20).

SOBRADINHO

O homem chega e já desfaz a natureza.
Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar.
O São Francisco, lá pra cima da Bahia,
Diz que dia menos dia vai subir, bem de vagar.
E passo a passo vai cumprindo a profecia
Do beato que dizia que o sertão ia alagar.
O sertão vai virar mar; dá no coração
O medo que algum dia, o mar também vire sertão (bis).
Adeus Remanso, Casa Nova, Sento Sé.
Adeus Pilão Arcado, vai o Rio te engolir.
Debaixo d’água lá se vai a vida inteira.
Por cima da cachoeira o gaiola vai subir.
Vai ter barragem no Salto de Sobradinho
E o povo vai-se embora com medo de se afogar.
E o sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão
Vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão.
Ah! Remanso, Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado, Sobradinho, adeus, adeus, adeus!

REFERÊNCIAS

REPÓRTER PETROVEL. **Jornal do Meio Dia**. Rádio Juazeiro AM, 1983.

SOUZA, José Rodrigues de. **Relatório de 1983 e Plano para 1984 da Associação Agrícola São Joaquim**. Caminhar Juntos: Boletim Informativo da Diocese de Juazeiro, nº 88, p. 16-17, 1984.